

Mosteiro/Museu: olhar com a Comunidade

MARIA TERESA AMADO,

CHAIA/UÉ (Portugal)

RESUMO Este artigo apresenta um website de musealização do Mosteiro de Santa Maria de Pombeiro, monumento nacional fundado no início do século XII e localizado perto de Felgueiras e próximo de Guimarães, inserindo-o numa proposta mais ampla de dinamização cultural e patrimonial.

A revalorização proposta para o Mosteiro beneditino, recentemente recuperado, pretende potencializar o património artístico, religioso, histórico e cultural daquela antiga comunidade monástica, no seu todo, com uma longa história sociocultural; e fomentar a apropriação desse património pela comunidade presente. Assim, o projeto tem como principal objetivo o de envolver a participação da população local, especialmente os jovens e as Escolas, e o de incentivar a colaboração das várias instituições regionais.

O website funciona como estrutura organizativa da musealização, com links específicos para *Escolas*, *Comunidade* e *Visitantes*. Os blocos organizadores do projeto e do website são: a **História do Mosteiro** e o **Presente no Mosteiro**. A **História do Mosteiro**, através dos núcleos *O Conjunto* (Igreja, Casa, Cerca), *A Vida no Mosteiro em 12 Objetos* e *A História de Pombeiro* (Comunidade Monástica, Redes Familiares, e História Local) abre à atualidade e ao desenvolvimento local através de *Concursos*, e dos núcleos, *Hoje - 365 dias em redor do Mosteiro*, *Amigos*, *Escolas*, *Comunidade* e *Visitantes*.

PALAVRAS-CHAVE: Património Histórico-cultural, Comunidades Monásticas, Comunidades Locais, Valorização Patrimonial, Tecnologia Digital.

MONASTERY/MUSEUM: LOOKING WITH THE COMMUNITY*

ABSTRACT This article suggests a museum web-site for the *Monastery of Santa Maria de Pombeiro*, a national monument dating from the early 12th century, near to the town of Felgueiras and not far from the city of Guimarães. The website is part of a broader effort to promote the cultural appropriation of this heritage.

The proposal for this recently rehabilitated benedictine monastery aims to develop the artistic, religious, historic and cultural patrimony of the monastery as a whole, taking into account the long history of the institution, in order for it to be appropriated by the local community as a means for its development. The principal aim is to draw in the local population, namely young people and schools and to promote collaboration between local institutions. The web-site helps to structure the museum, with links for *Schools, Community and Visitors*. The building blocks of the project are *History of the Monastery* and *the Monastery in the here and now*.

In the website, the History of the monastery is presented under various thematic groups, namely, *Buildings* (Church, Monastery), *The Story of the Monastery in 120 objects* and the *History of Pombeiro* (Monastic Community, Family Networks and Local History). Alongside, present day themes also appear, namely *Today – 365 days in the life of the Monastery*, *Friends of the Monastery, Schools, Community and Visitors*.

KEYWORDS: Cultural Heritage, Monastic communities, Local Communities, Heritage Promotion, Digital Technologies.

Este artigo corresponde à apresentação concreta do website de musealização do Mosteiro beneditino de Santa Maria de Pombeiro, inserindo-o numa proposta mais ampla de apropriação cultural e patrimonial. Este website chama-se o “Mosteiro de Pombeiro: um olhar com a Comunidade”.

O Mosteiro, monumento nacional fundado no início do século XII e localizado perto de Felgueiras e próximo de Guimarães e de Tibães, foi recentemente recuperado, integrando-se na Rota do Românico¹.

A revalorização aqui proposta pretende potencializar globalmente o património artístico, religioso, histórico e cultural daquela antiga comunidade monástica, integrando-o na realidade presente. Este projeto de dinamização tem como principal objetivo o de envolver a participação da população local, especialmente os jovens e as Escolas, e o de fomentar a colaboração progressiva das várias instituições e entidades regionais.

Num ponto inicial, prévio à explicitação do website, justifi cam-se as razões da sua escolha e a conceção de património subjacente a ela.

1. PORQUÊ O MOSTEIRO DE SANTA MARIA DE POMBEIRO?

A escolha deste monumento baseou-se na relevância da sua história e do seu património, na relação com o seu presente². Vejamos brevemente as principais razões:

O Mosteiro, para além das suas riquíssimas memórias, incorpora

um vasto, antigo e diversificado património: histórico, arqueológico, documental, artístico, arquitetónico, religioso e sociocultural.

A qualidade artística e a singularidade arquitetónica da igreja: concretamente, as suas características românico-barrocas, a fachada e as suas duas absidíolas originais, as torres maneiristas, com coruchéus barrocos, a escultura e o baixo-relevo, a importante tumultuária medieval, o altar-mor³, a talha dourada e a pintura, para além da original monumentalidade do claustro neoclássico.

Considerámos que a igreja, o claustro e a cerca fazem de Pombeiro um espaço próprio no contexto da rede monástica beneditina portuguesa: a igreja, pela sua elegância e integração de estilos (românico, maneirista, barroco e neoclássico) é, por si, uma lição de história da arquitetura religiosa ocidental; a área do claustro, inacabado e em ruínas, singulariza-se pela função e pela ostentação neoclássica, evocando o claustro da Sé e fachadas palacianas brasonadas de Braga; e a cerca, pela organização do espaço monástico enquanto unidade de conjunto, com o jardim e as suas áreas agrícolas, de arborização e de mata, de oração e de descanso, integrando a igreja e o edifício principal na respiração da natureza.

- . 1 O Mosteiro de Pombeiro é o primeiro Monumento da Rota, do Românico, atualmente alargada a mais de 50.
- . 2 Um primeiro esboço deste projeto foi apresentado no Colóquio “Eneias — O património artístico das ordens religiosas entre o liberalismo e a atualidade”. ”O Mosteiro de Santa Maria de Pombeiro: uma luz nova com os olhos da Comunidade (no prelo).
- . 3 Fr. José de Santo António Ferreira Vilaça executou o programa barroco da igreja. Apesar das semelhanças do altar-mor com Tibães, Robert

Smith considera que Santa Maria de Pombeiro é a joia da arte do escultor, que trabalha no Mosteiro a partir de 1770 (Smith,1972:495).

Apesar de o Mosteiro estar hoje praticamente vazio, com exceção da igreja, dispomos de avultada documentação escrita com grande detalhe informativo sobre a casa dos monges, o couto e a freguesia de Pombeiro, desde a Idade Média até à extinção do Mosteiro.

Existe documentação para o período medieval, nomeadamente com o seu *Costumeiro*⁴ do século XIII, seguindo a reforma de Cluny (Silva,1995). E, a partir dos anais do século XVI, quando esta comunidade se integra na Congregação da Ordem Beneditina e passa a depender da Casa-Mãe de Tibães, existem os *Estados de Pombeiro*. Eles fornecem relatórios anuais sobre a vida e o funcionamento do Mosteiro, e, em particular, sobre a ampliação do convento no século XVIII e a sua reconstrução nos inícios do XIX, depois de um incêndio que o destruiu totalmente⁵, sobre a construção do aqueduto, do cuidado posto, tanto na portaria, no recibo e no portão do mosteiro, como na casa do abade e dos hóspedes, etc. Estas referências evidenciam como o programa construtivo barroco, de ampliação e de ornamentação da igreja, se impregna no mosteiro, nas construções anexas, e nos muros das cercas.

Para além das informações sistematizadas por Frei Leão de S. Tomás, abade de Tibães, em *Beneditina Lusitana*, 1644-1651, frei António de Assunção Meireles, nos anais do século XVIII reúne novos materiais em *O Mosteiro de Pombeiro* (Meireles,1942).

Finalmente, o original *Dietário do Mosteiro de Sancta Maria de Pombeiro*, escrita por um beneditino, relata aquela realidade religiosa entre 1807 e 1816, integrada na vida política nacional e europeia. É narrada com particular viveza e detalhe a invasão dos franceses em 1809 (Coutinho, 2011).

Esta excelente base documental possibilita, a partir de hipóteses

rigorosas, “recriar” com objetividade importantes aspetos daquele complexo monástico. Através das tecnologias digitais é possível, de forma empática, mostrar o que já não existe, dar a perceber ao visitante as materialidades passadas. É o caso da simulação da evolução arquitetónica da fachada da igreja românica no período medieval, ainda com a galilé, e sem torres; da construção românica que foi parcialmente reformulada no maneirismo, e profundamente modi cada ao longo do período barroco. Estas informações, associadas aos vestígios arqueológicos⁶, ajudam a reconstituir os espaços do couto e as suas funções⁷, incluindo a delimitação da primeira cerca do Mosteiro, com a sua agricultura e arborização.

A documentação existente tem ainda uma enorme vantagem: ela já foi estudada e publicada. Dispomos de várias monografias históricas, arqueológicas e artísticas sobre o Mosteiro.

Este património arqueológico, artístico e arquitetónico ganha outro significado se for analisado integrando-o numa compreensão diacrónica do território, da história e da vida socioinstitucional do Mosteiro. O couto de Pombeiro localiza-se num espaço muito fértil, cortado pelo rio Vizela e ladeado por vários rios, e situa-se na zona da estrada romana que ligava Trás-os-Montes a Braga (vestígios ainda presentes nos troços de calçada e na ponte medieval). Na Idade Média, ele era cruzado por dois importantes eixos viários: o que ligava Trás-os-Montes ao Porto, passando por Amarante, e o que comunicava entre a Beira, Porto,

- . 4 São particularmente úteis as referências às construções anexas ao mosteiro, nomeadamente o hospital, a hospedaria, o refeitório e os dormitórios dos conversos, a escola dos noviços, as o cinas.
- . 5 A igreja, apesar de colada à ala norte, foi pouco atingida — possivelmente por ter sido reconstruída nos anos 80, do século X VIII. O incêndio no Mosteiro surgiu no

seguimento das segundas invasões francesas, comandadas pelo general Loyson (Coutinho,2011).

- . 6 Os levantamentos arqueológicos no Mosteiro encontraram esqueletos e sepulturas, mas também moedas, cerâmicas, pedaços de azulejos e de vidros, etc.
- . 7 Do edifício construído no século XVI é possível delimitar a dimensão do claustro (menor que o do século XVIII) e conhecer a distribuição das diversas atividades monásticas pelas três alas — oração, reunião e estudo; dormitórios; refeitório; cozinha e dispensas. Como existe informação detalhada para a zona das sacristias, capítulo, livraria e oratório, tornam-se perceptíveis as modificações introduzidas pela construção barroca. A existência de apenas um claustro, associado à sua dimensão, revela tratar-se de um edifício de estrutura média.

Guimarães e Braga, estando por isso no caminho de Santiago de Compostela (sabe-se, pelo seu Costumeiro, que no século XIII existia um hospital e um albergue ao lado da igreja).

O Mosteiro, possivelmente do século IX — mas com existência documental no lugar de Pombeiro desde finais do século XI, recebeu de D. Gomes Echiegues a carta de doação em 1102, e de D. Tereza, carta de Couto em 1112, com privilégios e justiça própria —, é uma das mais antigas instituições monásticas do território, integrando-se na rede dos domínios beneditinos da província de Entre Douro e Minho, com um papel ativo na reorganização do território.

A organização do Couto de Santa Maria de Pombeiro, e a escolha dos seus abades, vai estar desde o seu início intrinsecamente ligada às estruturas senhoriais de Entre Douro e Minho, e à História de Portugal, nomeadamente, na primeira dinastia, à Família dos Celanova e dos Sousa (Sousões) que detinha o seu padroado⁸, e aos Teles de Meneses, Barbosa, Lima, e Mello⁹. Aliás a abóbada da galilé da igreja, panteão dos Sousa¹⁰, era uma verdadeira galeria de heráldica, pois nela estavam pintados os principais brasões das famílias portuguesas.

Este domínio beneditino, que estendia os seus territórios até Vila Real no reinado de D. Sebastião¹¹, foi acumulando bens imóveis e padroados ao longo da Idade Média (através de doações reais e da Família dos Sousa), chegando a possuir 37 igrejas e um rendimento anual só comparável aos Mosteiros de Arouca e dos Crúzios de Coimbra. E, a partir dos finais do século XVI, quando integra a Congregação Beneditina, Pombeiro é o Mosteiro que apresenta maiores ingressos, a seguir a Tibães, Casa-Mãe.

Estas informações revelam como uma divulgação organizada e bem estruturada da vida do Mosteiro de Santa Maria permite dar conhecer a evolução artística e arquitetónica daquele conjunto monástico, as suas vivências e o seu quotidiano. Permite ainda compreender a importância da história daquela comunidade monástica, integrada nos domínios beneditinos, a história local com as suas redes familiares, e a história socioinstitucional da Província e do País, ao longo de oitocentos anos.

Do ponto de vista socioeconómico e cultural possibilita “reconstituir” o complexo comunitário (mini- urbe), nos aspetos senhorial e religioso, doméstico e agrícola.

Todo este conhecimento integrado da história de Pombeiro, e do que era o modo de vida monástico numa comunidade beneditina com estas características, tem subjacente a noção de realidade patrimonial entendida no seu todo, como um conjunto globalmente articulado, que integra a comunidade e a ela se destina prioritariamente. Visão patrimonial do passado numa perspectiva de atualidade: a sua utilidade é servir o presente.

Valorizar é descobrir e fomentar processos de aproximação das pessoas às realidades patrimoniais, estabelecendo nexos e aproximando, pois não me relaciono com o que não entendo, não gosto, me é distante.

- . 8 Os Sousa, são uma das mais antigas famílias do Reino, tendo desempenhado um papel ativo na Reconquista e na Independência de Portugal. Remontando as suas origens aos tempos dos visigodos, instalaram-se no Vale do Sousa antes da nacionalidade. No século XI, D. Egas Gomes de Sousa, nobre do Condado Portucalense, tornou-se senhor da Terra de Sousa e de Felgueiras, e governador da comarca Entre Douro e Minho. Foi o primeiro a usar o nome de Sousa. No início do século XII D. Gonçalo Mendes Sousa, o Bom, lho de Mem Viegas de Sousa, conselheiro de D. Afonso Henriques, já detinha o padroeiro de Pombeiro (Família Celanova). Participou na batalha de Ourique e na reconquista de Lisboa. Foi pai de Mendo Sousa, que deu origem aos Souseiros (Mattoso,1998:47).
- . 9 Os abades do Mosteiro pertenciam à Família dos Sousa de Ribavizela, com nomeação perpétua. Quando este ramo da família se extingue, nos finais do século XIII, com Gonçalo de Garcia e Sousa, o Mosteiro passa a ser governado por abades comendatários, iniciando-se um processo de declínio. D. António de Mello foi um dos seus principais abades. Com D. António Prior do Crato, o último abade comendatário, o Mosteiro beneditino entra numa nova fase de reorganização, passando a integrar a Congregação da Ordem, recentemente criada.
- . 10 Ainda se encontra uma inscrição funerária alusiva a D. Vasco Mendes de Sousa, sepultado no galilé.
- . 11 Com D. Sebastião, os monges beneditinos de Pombeiro viram-se forçados a transferirem metade das suas rendas (cerca de 4.000 cruzados) para os monges Jerónimos — decisão que gerou uma longa desavença entre o Mosteiro e a Casa Real. Os beneditinos cederam as rendas das propriedades localizadas na comarca de Vila Real, onde detinham o padroado de 29 igrejas.

Como dinamizar culturalmente a história de uma comunidade monástica? Aquela experiência terá ainda algo a dizer-nos hoje? O que é verdadeiramente específico de Pombeiro? Qual o génio do lugar? Como se poderia partilhar esse seu carácter singular e único com os visitantes? O que poderá um conjunto monástico dizer a pessoas urbanas, e a jovens que vivem no seu quotidiano de forma tão radicalmente diferente?

As características mais originais e positivas do atual espaço envolvente de Pombeiro são as suas marcas de ruralidade, in filtradas de casario, próprias do povoamento no Minho, com a permanência ainda de matas, estruturas pedestres medievais, agrícolas e artesanais. Elas, de algum modo evocam as produções

e as redes de sustentabilidade (casa da adega e da eira, eira, lagar do azeite e do vinho, ponte, casa arrendada) em que assentava a vida económica do Mosteiro (Alves, 2011:208-212). Ao invés, quando já inseridos em densas malhas urbanas, torna-se quase abstrato vivenciar a ligação da comunidade à terra.

As condições naturais possibilitaram em Pombeiro uma certa conservação dessas realidades. O que facilita a redescoberta da importância do valor da Natureza, da sua ordem e dos seus tempos. Facilita também a sua sustentabilidade em termos do próprio equilíbrio humano e dos grupos de vizinhança.

Paralelamente, um dos fatores mais favoráveis da região é a elevada densidade da população juvenil.

2. VALORIZAR: COM QUEM, COM QUE MEIOS, PARA QUEM? Assim, considerámos as marcas de ruralidade e a densidade da população juvenil os eixos de valorização do Mosteiro e da identidade local: para além dos “tradicionalistas” Visitantes, a Comunidade e as Escolas são os principais públicos-alvo.

São dois os principais objetivos desta proposta: dar a conhecer e apropriar. Entender e divulgar a identidade do Mosteiro como conjunto monástico, no seu todo, com uma longa história sociocultural e cronológica; e incentivar a apropriação desse património pela comunidade presente.

Através da relação com a Comunidade pretende-se recuperar as memórias da história local a seguir à extinção das ordens religiosas; e recuperar aspetos da cultura popular, dispersos e praticamente em desuso: tradições orais, costumes, saberes, formas de vida e de lazer. A Comunidade e o Mosteiro, ao incorporarem esse património, fixam-no, divulgam-no, dando-lhe

atualidade e novas vivências.

Paralelamente, o Mosteiro-Museu, ao orientar as suas atividades museológicas segundo os programas e projetos das Escolas, está a dar a conhecer a História do Mosteiro aos jovens numa perspectiva de vivência e de desafio à sua apropriação, em termos de presente e de futuro.

Pretende-se assim revitalizar um sentido de comunidade e de pertença territorial, para que ela volte a agregar-se em redor do espaço do Mosteiro. Esse novo sentido de comunidade territorial é criado a partir de uma vontade cultural e de memórias, e já não por relações de poder e de dependência.

Por isso, os grandes blocos organizadores do projeto e do website “*Mosteiro de Pombeiro: Olhar com a Comunidade*” são: a **História do Mosteiro** e o **Presente no Mosteiro**.

A História do Mosteiro, através dos núcleos *O Conjunto* (Igreja, Casa, Cerca), *A Vida no Mosteiro em 12 Objetos* e *A História de Pombeiro* (Comunidade Monástica, Casas Senhoriais e Redes Familiares, e história Local e Política), abre à atualidade, ao desenvolvimento local e aos interesses das populações, através de *Concursos*, e dos núcleos, *Hoje - 365 dias em redor do Mosteiro*, *Amigos*, *Escolas*, *Comunidade* e *Visitantes*.

O website funciona como estrutura organizativa do projeto, com links integrados e específicos para Escolas, Comunidade e Visitantes. O website é a cara e a cabeça da dinamização cultural e patrimonial do Mosteiro, o seu elemento mais interativo e o principal instrumento de uma ligação sustentável com a Comunidade. Para isso, o website funcionará, articulado com um programa regular e sistemático de exposições, festivais, espetáculos, cursos e outro tipo de atividades recreativas e

educativas.

Embora o Mosteiro não seja um museu virtual, o website funcionará como elemento organizador e dinâmico a par das atividades expositivas. Na dinamização do projeto, o website tem três funções que se encadeiam: congrega de forma articulada e coerente os materiais e promove a sua ampla difusão; implementa e incentiva de forma lúdica as atividades que disponibiliza, adaptando-as aos diferentes públicos; finalmente, através da rede de difusão criada, volta a agregar esses “públicos-virtuais”, incorporando muitas dessas experiências no site, através dos blogs, etc.

Pela estrutura e pelas características interativas de um website e para evitar redundâncias, a apresentação da orgânica do website, bem como dos principais objetivos e conteúdos de cada núcleo temático, é feita no próprio site, tanto mais quanto a edição desta obra é em e-book.

Mosteiro de Pombeiro: Olhar com a Comunidade:

<http://mosteirodepombeiro.wix.com/teste>

Concluindo, Como se referiu, a dispendiosa reabilitação arquitetónica da Igreja e do Mosteiro de Santa Maria de Pombeiro foi concluída, bem como as despesas de infraestruturas a nível museológico, com a inserção do Mosteiro na Rota do Românico.

No entanto, como se mostrou, nem interior nem exteriormente a estrutura arquitetónica barroca da igreja se pode esgotar num programa de valorização do românico, nem o Mosteiro no seu todo, e como conjunto monástico, se confina à Igreja.

A partir do website *Mosteiro de Pombeiro:Olhar com a Comunidade*, a curto prazo e começando com poucos meios, seria

possível dar vida e viver em redor do Mosteiro de Santa Maria de Pombeiro. A edição de um guia didático e a criação de um sistema áudio nos principais pontos e objetos da Igreja e do Mosteiro, dispensavam a formação e a manutenção de guias, autonomizando os visitantes. E essa divulgação pode ser incorporada no site do Mosteiro, através de podcasts.

O sentido de comunidade de pertença com uma dimensão de espacialidade territorial poderia ser ainda mais incentivado com a paralela integração deste Monumento Nacional na rede de Mosteiros beneditinos, nomeadamente com uma articulação cultural mais estreita e dinâmica entre os Mosteiros de S. Martinho de Tibães, de Santa Maria de Pombeiro, e de S. André de Rendufe (em fase nal de recuperação)¹². A ligação

12 Rendufe e Pombeiro foram os dois primeiros mosteiros a integrarem a Congregação dos Mosteiros Beneditinos de Portugal e Brasil, com a Casa Mãe em Tibães.

natural ao Mosteiro de Tibães, pela similitude das suas histórias¹³, pela dependência a partir do século XVI, e pela proximidade geográfica, permite complementar e diferenciar os projetos. De imediato, Pombeiro pode rentabilizar as infraestruturas já disponibilizadas pela Casa-Mãe, em particular a hospedaria, e a sua dinâmica turístico-cultural. E Tibães pode dar a conhecer aos seus visitantes um mosteiro beneditino em que a proposta barroca não destruiu a arquitetura primitiva da igreja, mas a incorporou e ampliou, conservando a base românica e maneirista da sua fachada.

Por outro lado, o Mosteiro de Santa Maria de Pombeiro ser hoje propriedade do Município de Felgueiras, do Estado, sob a tutela da DRCN, da Igreja (Diocese do Porto), e espiritualmente dos beneditinos, é um ótimo incentivo à criação de programas versáteis, complementares e integrados. Também a este nível, a

proposta de Pombeiro Mosteiro-Museu pode servir de estímulo, de exemplo e de desafio sobre as vantagens e as possibilidades de abertura de uma colaboração conjunta no desenvolvimento da identidade e da cultura local. É o Monumento Nacional do Concelho, e identifica aquele espaço desde os primórdios da nacionalidade.

Finalmente, gostaríamos que este modelo de projeto com o seu website fosse entendido como um exemplo de dinamização e um protótipo a adaptar a outras realidades patrimoniais e museológicas, em função das suas características específicas.

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS Coutinho, Maria Isabel Pereira. *Notícias das Guerras napoleónicas – Dietário do Mosteiro de Santa Maria de*

Pombeiro, 1807-1816. Porto: Deriva, 2011.

Ferreira-Alves, Natália Marinho Ferreira. *Mosteiro de Santa Maria de Pombeiro*. Felgueiras: C.M.F., 2011.

Mattoso, José. *Ricos-Homens, Infanções e Cavaleiros*. Lisboa: Guimarães Editores, 1998.

Meireles, Fr. António Assunção Meireles. *Memórias do Mosteiro de Pombeiro*. (Pref. Alfredo Pimenta). Lisboa: Ática, 1942

Pinto, Marcelo Mendes. *Mosteiro de Santa Maria de Pombeiro: arqueologia*. Felgueiras: C.M.F., 2011.

S. Tomás, Leão. *Beneditina Lusitana*, 2.vol. (Anotações de J. Mattoso). Lisboa: IN-CM, 1974.

Lencart, Joana. *O Costumeiro de Pombeiro. Uma Comunidade beneditina no século XIII*. Lisboa: Estampa, 2007.

Smith, Robert. *Fr. José de Santo António Ferreira Vilaça, Escultor Beneditino do Século XVIII*, vol.2. Lisboa: F.C.G., 1972.

MARIA TERESA AMADO Licenciada em História, 1982 (FLL), Mestre em História Moderna, 1987 (F.L. Coimbra) e Doutorada em História, 1997 (Universidade Évora)

Professora auxiliar no Departamento de História da Universidade de Évora.
Membro do CHAIA.

Tem desenvolvido trabalho na área da história da cultura, da iconografia e da história da arte, e leciona vários seminários no Mestrado de Gestão e Valorização do Património Histórico e Cultural, da Universidade de Évora.

13 A história de Tibães, não apenas depois, mas antes da constituição da Congregação beneditina em 1567, é similar à de Pombeiro. Fundado também nos finais do século XI, recebe doação de terras de D. Henrique e D. Teresa e carta de couto em 1110, alargando ao longo da Idade Média os seus domínios, e mantendo relações próximas com Braga. Em meados do século XVI, por decisão do seu abade comendatário, a igreja e o mosteiro são profundamente ampliados e remodelados.